

JOAQUIM MATTOSO CAMARA JR. — *Os Estudos Linguísticos nos Estados Unidos da América do Norte.* Rio de Janeiro, 1945. 18 pp.

Não raras vezes se acusam os Estados Unidos da América do Norte de favorecer sómente as aplicações práticas da investigação científica, com menosprezo da ciência pura. Ora a verdade é que procuram tirar

desta a melhor aplicação prática, mas a erudição e a especulação meramente teórica não deixam de ser fomentadas, auxiliadas e acarinhadas. E assim a filologia clássica e a linguística geral, ciências aparentemente das mais eruditas, são estudadas com afã e interesse. É o que nos mostra o excelente trabalho do distinto professor das Escolas Secundárias da Prefeitura do Distrito Federal do Rio, Joaquim Matoso Câmara J.^o Desejoso de conhecer o que na América do Norte se fazia neste sector da actividade científica, teve o privilégio, que foi uma honra e um prémio, de ver satisfeita a sua aspiração: a Divisão de Humanidades da Fundação Rockefeller concedeu-lhe uma bolsa para aperfeiçoar os seus estudos de linguística. Trabalhou nas Universidades de Colúmbia e Chicago, e visitou as de Yale e Pensilvânia, no período compreendido entre 9 de Setembro de 1943 e 14 de Abril de 1944. Regressado ao Rio, realizou na Faculdade de Filosofia desta cidade, a convite da Sociedade Brasileira de Estudos Latinos, uma palestra em que relatou as suas impressões e conclusões. É o texto desta palestra que temos sob os olhos.

Teve o Autor o ensejo de verificar o interesse com que eram cultivados os estudos linguísticos gerais e os clássicos. Pelo que respeita a estes, em todas as grandes universidades norte-americanas, o ensino do sânscrito, iniciado por Whitney, «é uma tradição radicada, e a filologia indo-europeia *lato sensu* se cultiva com intensidade e entusiasmo». Recorda-nos o grande mestre William Dwight Whitney, o fundador da filologia clássica nos Estados Unidos e abalizado sanscritólogo, cuja gramática descritiva do sânscrito é ainda hoje justamente apreciada, e o eminente professor Edward Sapir, falecido em 1939, que, além do seu interesse pela linguística geral, se dedicava aos problemas histórico-comparativos da linguística indo-europeia, estando empenhado, nos últimos anos da sua vida, na hipótese das laringeas no indo-europeu. Pessoalmente, o Sr. Matoso Câmara travou relações com três ilustres e respeitáveis linguistas: Louis Gray, Edgar Sturtevant e Carl Buck.

Gray publicou dois livros fundamentais: *Introdução à Linguística Comparativa do Semítico* e *Os Fundamentos da Linguagem*. No Círculo Linguístico de Nova Iorque, fez, por ocasião da estada do A. na América, uma comunicação sobre a probabilidade de ter havido em gaulês, como um possível fenómeno protocéltico, o abrandamento consonântico que transparece no velho irlandês e no címbrico. Amigo muito dedicado de Meillet, encontra-se actualmente aposentado, substituindo-o na cátedra de sânscrito o Prof. Anthony Paura.

A Edgar Sturtevant deve-se o tratado sobre *A Pronúncia do Grego e do Latim*, que já tem uma 2.^a edição. Dedicada especialmente ao hitita. Sobre esta língua, publicou uma gramática comparativa, um glossário e uma crestomatia. Em 1942, deu à estampa um estudo sobre *As Laringeas Indo-Híticas*, no qual formula a hipótese de uma língua-tronco indo-hitita «de que se tivessem derivado, de um lado, o hitita e, de outro lado, o proto-indo-europeu; faz ele assim do hitita, em vez de língua indo-europeia propriamente dita, uma língua anatoliana, cognata de uma fase do indo-europeu anterior àquela cuja reconstituição a gramática comparativa

tem procurado esboçar pelo cotejo das línguas indo-europeias clássicas». O mais importante, porém, deste trabalho é a hipótese das laringeas, elementos consonânticos que, contraídos com a vogal fundamental *e/o*, teriam originado a rica oposição de quantidade e de timbre do vocalismo indo-europeu.

Carl Buck, da Universidade de Chicago, é autor de três obras capitais: *Gramática Comparativa do Grego e do Latim*, *Introdução ao Estudo dos Dialectos Gregos* e *Gramática do Osco e do Úmbrio*.

Por este conspecto, verificamos que os estudos clássicos transcendem o estudo do grego e do latim. Pena foi que o A. nos não informasse acerca das línguas clássicas no ensino médio, pois isso esclarecer-nos-ia melhor sobre o interesse por estes estudos. De qualquer maneira, é consolador concluir que existe um grupo, mais ou menos numeroso, que dedica a sua atenção à filologia clássica.

Mas não se limitam, evidentemente, a esta filologia os estudos linguísticos na América do Norte. A filologia românica e a linguística geral são objecto de intenso labor.

A Sociedade Linguística da América mantém um Instituto da Língua, com actividade no Verão, publica a revista *Language*, edita *Monografias e Dissertações* e dá ainda a lume trabalhos especiais de erudição complexa, como os da série «William Dwight Whitney». Para fazer uma ideia da actividade do Instituto, basta citar as matérias professadas no seu curso de 1944, onde a filologia clássica tem também o seu lugar: linguística geral, métodos linguísticos de campo, geografia linguística, fonética geral, latim vulgar, linguística histórica germânica, hitita, velho irlandês, velho nórdico, galês medieval, velho espanhol, línguas semíticas.

O traço mais expressivo do pensamento linguístico norte-americano, com tradições na obra de William Whitney, é a convicção das relações íntimas da ciência da linguagem com as ciências sociais. Isto nos explica que um notável antropólogo e etnólogo como Franz Boas tenha abraçado a linguística. Foi sobretudo por ter deparado, quando dos seus estudos de etnologia ameríndia, com o problema das línguas primitivas norte-americanas que o seu espírito enveredou pelos estudos linguísticos; é de sua autoria o notável *Manual das Línguas Índias Norte-Americanas*, que está a ser continuado por seus discípulos, como Mary Haas e Halpern. A linguística geral é também largamente cultivada, salientando-se os nomes de Edward Sapir, seu impulsor e criador, Leonard Bloomfield, o teorista de *Language*, e, dos novos, Zellig Harris e Morris Swadesh. Esta escola presta a sua atenção sobretudo à teoria da análise fonémica, a respeito da qual Swadesh publicou um artigo fundamental na revista *Language*. A doutrinação e investigação norte-americanas neste capítulo têm precioso auxílio de linguistas europeus emigrados para os Estados Unidos. Citam-se, entre outros, os Profs. Roman Jakobson, antigo vice-presidente do Círculo Linguístico de Praga, Henri Müller, Giuliano Bonfante, Navarro Tomás e Ernst Cassirer.

Qual a causa que explica que se tenham desenvolvido magnificamente estes estudos? Com um sentido muito vivo do que hoje constitui, na

maior parte das nações, real embaraço à eficiência do ensino e da investigação, salienta o Sr. Matoso Câmara as óptimas condições do trabalho dos professores universitários. Parece-nos de muito interesse a transcrição dos períodos que se referem a este assunto, pois são como que a voz do que entre nós é problema e aspiração:

«Eis aí mais uma coisa para literalmente imitar: os confortáveis escritórios que têm à sua disposição os professores, nas universidades norte-americanas.

«Imaginai uma sala de dimensões e mobiliário modestos, mas com a quietude e os recursos necessários para o estudo e o intercâmbio cultural. Ali, em meio de abundantes livros, em regra requisitados da própria biblioteca universitária, quando não constituem uma biblioteca especializada privativa do usufrutuário, permanece o professor várias horas do dia, com uma ou mais dactilógrafas à sua disposição. Ali, procuram-no alunos e ex-alunos para expor dúvidas, solicitar sugestões doutrinárias e até ouvir conselhos, de ordem prática, sobre problemas particulares de uma vida profissional próxima futura ou já incipiente.

«Nada mais louvável em verdade do que essa maneira de compreender o trabalho do professor. A actividade nas aulas considera-se apenas uma parcela das funções didácticas; há complementarmente o contacto particular diurno com os alunos, e o estudo e a meditação no isolamento de um escritório. A estada no lar pode ser, portanto, monopolizada pelos interesses familiares, apenas alternados com certas leituras menos absorbentes e mais ligeiras, em vez da situação brasileira de um conflito permanente, para o estudioso, entre as necessidades do aperfeiçoamento cultural e de actividade literária técnica e as injunções de um repouso sedativo e «humano» na intimidade do lar, fora das preocupações profissionais.»

Tal é, em resumo, o conteúdo da utilíssima palestra do Sr. Matoso Câmara. As palavras de modéstia com que termina o seu trabalho, considerando-o como ponto de partida provisório para o exame crítico dos estudos linguísticos na América do Norte, são dignas de um espírito que, antes de mais nada, procura fomentar o interesse e chamar a atenção para os problemas. Oxalá muitos seguissem o exemplo do A., expondo com objectividade e senso crítico, em breves trabalhos, o que viram durante a sua estada em países estrangeiros para elucidação dos que lá não podem ir. É que conhecer-se e estudar-se o que se tem feito e se faz em outras nações é, sem dúvida, o único meio de actualização para os que se não querem deixar atrasar e de regeneração para os que, por causas várias, se deixaram atrasar.

Quisemos, propositalmente, encerrar esta notícia da palestra do Sr. Matoso Câmara com as suas palavras de abertura: «em matéria de estudos linguísticos, o Brasil tem na grande república irmã do Norte muito que aprender, e mesmo (digamo-lo sem ambages) muito que imitar.» Nada melhor nos pode atestar o espírito progressivo e desassombrado do distinto professor.

A. GOMES FERREIRA